

A RELAÇÃO ENTRE O CONTEXTO SOCIAL E A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DO ALUNO DAS CLASSES POPULARES¹

Francisco da Silva Alves²

RESUMO: O presente artigo é parte de uma monografia apresentada ao curso de especialização em Alfabetização das crianças das classes populares da Universidade Federal Fluminense – UFF. Tem como objetivo trazer reflexões acerca do contexto social dos educandos das classes populares, bem como a sua relação com a dificuldade de aprendizagem na escola. O estudo foi realizado a partir de observações e registros em uma escola municipal localizada na zona rural de uma cidade do entorno da região metropolitana do Rio de Janeiro no ano de 2018. Para tanto, tornou-se necessário que alguns educandos participassem de pequenas entrevistas sobre o cotidiano escolar e suas vivências em casa. Como suporte teórico para a realização deste estudo, as contribuições de Freire (1987), Garcia (1996), Zaccur (2008) e outros autores que dialogam com essa temática foram de fundamental importância.

Palavras-chave: Educação, Classes populares, aprendizagem.

ABSTRACT: This article is part of a monograph presented to the specialization course in Literacy for children from the popular classes at Universidade Federal Fluminense – UFF. And it aims to bring reflections on the social context of students from popular classes, as well as its relationship with learning difficulties at school. The study was carried out from observations and records in a municipal school located in the rural area of a city surrounding the metropolitan region of Rio de Janeiro in 2018. For that, it became necessary for some students to participate in small interviews about the daily school life and their experiences at home. As theoretical support for this study, the contributions of Freire (1987), Garcia (1996), Zaccur (2008) and other authors who dialogue with this theme were of fundamental importance.

Keywords: Education, Popular classes, learning.

¹ Título da monografia apresentada ao curso de especialização em Alfabetização das Crianças das Classes Populares da Universidade Federal Fluminense – UFF, 2018.

² Possui curso Normal, em nível médio, SEDUC - CE. Licenciado em Letras pela (UNESA). Especialista em Alfabetização das Crianças das Classes Populares (UFF). Especialista em Pedagogia Social (UFF). Mestrando em Educação - UFF. Atua como professor da educação básica. Pesquisador em Pedagogia Social e professor orientador de portfólio do curso de extensão em Pedagogia Social – PIPAS/UFF. E-mail: alvesdasilva.educa@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação popular tem sido uma das preocupações de muitos educadores ao longo da história da educação brasileira, pois as camadas mais pobres da sociedade também são as mais oprimidas. Nesse sentido, destacamos Paulo Freire como uma importante figura que defendeu os grupos minoritários e a educação popular, haja vista sua dedicação aos sujeitos das classes populares.

Nesse contexto, o objetivo do presente artigo é refletir sobre a contexto social dos educandos das classes populares. Deste modo, identificar os fatores que tornam empecilhos na escola e que dificultam a aprendizagem desse sujeito.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo é a pesquisa de campo, por meio registros e de entrevistas com os educandos de uma escola municipal predominantemente de alunos das classes populares, além de contribuições da pesquisa bibliográfica, com autores como Paulo Freire, Regina Leite Garcia, que foram pioneiros e defensores da educação popular.

Neste estudo, apresenta-se o contexto dos alunos das classes populares, bem como a realidade que muitos desses sujeitos vivem. Do mesmo modo, a cultura local refletida no contexto escolar, que muitas vezes não é valorizada, além dos problemas de casa que acabam chegando à sala de aula.

Dessa forma, compreende-se a necessidade de refletir sobre o contexto social do educando e a dificuldade de aprendizagem na escola, pois muitas questões sociais advindas da realidade do educando podem refletir na sala de aula, identificados pelos educadores em muitos momentos no cotidiano escolar.

1 ONDE MORA O EDUCANDO DAS CLASSES POPULARES

Neste capítulo iremos conhecer o ambiente em que o nosso educando de classe popular reside. Seremos capazes de entender melhor a sua realidade a partir do conhecer como essa criança vive fora da escola, o que ela faz no contra turno escolar, com quem passa o seu tempo livre. Similarmente, é possível entender o porquê de consideradas falhas e erros na escola ou simplesmente maneiras diferentes de aprender. Já que a forma de ensinar, muitas vezes não parece ser flexível nesse aspecto. Dessa forma, conhecer onde o nosso educando de classe popular reside nos ajudam a

compreender sua realidade e nos adaptarmos a essa realidade, além de tornar uma aprendizagem mais fácil, prazerosa e do interesse do educando, de acordo com o seu contexto social. A partir das vivências dos educandos seremos capazes de descobrir e entender sobre a cultura local dessas famílias que a escola pública atende e, que muitas vezes não consegue valorizar e muito menos entender o porquê de muitos comportamentos do educando. Do mesmo modo seremos capazes de refletir sobre a nossa prática no cotidiano escolar ao lidar com um público específico, mas com uma diversidade de curiosidades e problemas sociais.

1.1 CULTURA LOCAL

É bem verdade que cultura de uma sociedade pode abranger grandes regiões, grandes povoados e muitas pessoas. No entanto, algumas culturas são preservadas em pequenos locais específicos que garantem tradições passadas de geração em geração por um grupo social ou família. Podem ser pequenos grupos sociais que insistem e mantêm vivos costumes locais que se fundem integralmente com a comunidade escolar.

Dessa forma, a maneira como as famílias veem ou se manifestam diante de determinados assuntos podem não estar de acordo com a escola, ou não consigam acompanhar o ritmo escolar. Ou seja, é possível que haja caso de famílias que por motivos religiosos não cumpram com as atividades vistas pela escola de um ângulo diferente da família. Enquanto a escola pode tratar assuntos como cultura, a família do educando pode enxergar além da cultura e levar para o lado religioso, por exemplo.

Na verdade, é possível que numa escola haja vários grupos sociais, étnicos, culturais etc., que compartilham diferentes formas de pensar e agir diante de determinados assuntos, que muitas vezes chegam à escola inevitavelmente e de forma natural. Assim, saber lidar com as diferenças é de grande valia e saber valorizar e fazer com que todos valorizem essas diferenças sem desrespeito e negação é aceitar o outro sem julgar. Do mesmo modo, o educando deixar de aprender algo só porque não faz parte da sua realidade, seja socioeconômica ou religiosa, é não aceitar o diferente, sabendo que a sociedade é composta por culturas e não apenas cultura. Em outras palavras, existem culturas específicas em diferentes ambientes e espaços. Na escola essas culturas se relacionam e são manifestadas em diferentes momentos, por isso é necessário acolher as transformações culturais que o tempo se encarrega de alterar.

É importante ressaltar que nesse modelo chamado “cultura específica” da comunidade teria um destaque muito especial, instaurando uma nova dinâmica, na qual a educação estaria intrinsecamente articulada àquilo que, naqueles anos, ganhou força e vitalidade: a ideia de cultura local. Assim, comunidade e escola, de maneira integrada, experimentariam concretamente um processo mútuo e simultâneo de transformação. Paulo Freire concebia o homem como um ser relacional e criador, aquilo que chamava de um agente da história, um ser “criador”, e “consciente”, portanto, capaz de exercer um papel ativo nos processos de transformações sociais (TAVARES, 2015, p. 158 *apud* Freitas e Biccias, 2009, p.228).

Cada local possui uma cultura específica e sujeito a alterações com o passar dos anos. E a escola é o encontro dessa diversidade cultural que reúne diferentes experiências sobre determinados assuntos, e precisa respeitar e valorizar cada experiência vivida pelo educando nas mais diferentes manifestações culturais.

A valorização da cultura local é primordial no processo de ensino e aprendizagem. Saber o que se passa no entorno da escola é saber quem é e como vive esse educando de escola pública. É importante que estejamos abertos aos relatos contatos na sala de aula pelo educando. No entanto, às vezes isso se torna quase que impossível, pois o professor ou professora não sacrificaria a sua aula para ouvir “bobagens” do aluno. As narrativas em sala de aula dizem muito sobre o educando e a cultura preservada pela comunidade local. É possível que resgatemos as narrativas trazidas pelos educandos e que possamos ressignificar essa experiência na sala de aula com a prática diária da educação valorizando a cultura local no passado e no presente.

O educando gosta de contar acontecimentos vividos na comunidade, histórias reais e que significam muito para eles. São assuntos relacionados ao seu dia a dia, e dizem muito como esse educando vive fora da escola, pois é fácil ver a criança uniformizada, padronizada e indiferente na sala de aula. Dar ouvidos as narrativas da criança é dar asas à imaginação, a memória e sua identidade.

Cabe considerar que mesmo as narrativas dos educandos parecerem fora do contexto da aula ou não demonstrem sequer um aprendizado, elas devem ser ouvidas e possivelmente comentadas, pois o educando se sente um ser potente nesse momento de troca de experiência, capaz de argumentar e se fazer presente em diferentes ocasiões. Do mesmo modo, a criança se sente mais confiante em discursar, e isso será contado num futuro próximo, quando necessitará de boas convicções para se sair bem diante de situações cotidianas.

Contrariamente, não abrir o espaço de diálogo, narrativas de acontecimentos dos próprios educandos, é fazer com que essas crianças se fechem para o seu próprio desenvolvimento e busca pelo conhecimento negando-o o direito de expressão e valorização da própria cultura.

Resgatar memórias e narrativas no cotidiano da escola afirmando-a como lugar de pertencimento, é reatualizar oportunidades preexistentes e desenvolver possibilidades latentes de recriar, através da prática educativa, a história local a partir do lugar: realidade social, experimentada diretamente e oportunidade de realização de uma história diferente.

Resgatar a memória coletiva de uma comunidade local é desvelar a tessitura das redes de saberes que dão sentido as nossas ações cotidianas, compartilhando-as coletivamente, através de um processo educativo que tem como ponto de partida e como ponto de chegada, a reinvenção da escola como um lugar apto a acolher o passado e a criar o futuro (PÉRES, 2006, p. 95).

É possível que a própria cultura local seja um amplo campo de aprendizagem, a partir da importância dada aos pequenos detalhes e experiências levados pelos educandos à escola. Na coletividade cotidiana na sala de aula é possível que se identifique ou que se reconheça o diferente como uma nova forma de ver o mundo.

Nesse sentido, faz-se necessário sabermos sobre a cultura local onde exercemos a profissão de professor com a missão de despertar no educando a curiosidade de buscar por si só o conhecimento. Ao mesmo tempo em que é questionado será capaz de questionar, de investigar e de ter o seu próprio ponto de vista sobre determinados assuntos.

As crianças dessa área não podem contar com muitos atrativos de lazer e aprendizagem. E quando tem, a maioria chega por meio da escola ou entidades religiosas locais. Dessa forma, existe uma carência e/ou necessidade de ocupar o tempo livre dessas crianças com atividades diversificadas que possam dar continuidade à sua aprendizagem fora da escolar, a fim de não deixar que se perca do educando a sua autoestima e interesse pelos estudos. Muitos educandos só estudam na escola, não gostam de levar atividades da escola para casa, no entanto, gostam de fazer os trabalhos diferentes como maquete e pesquisa pela internet. Observe o que dizem sobre:

Professor: - Por que não fazem os deveres de casa?
Educando: - Porque é muito chato!
Professor: - Que tipo de atividade vocês gostam de levar e fazer em casa?
Educando – Gostamos de fazer maquete e pesquisa pela internet.
Professor: - Vocês costumam fazer outras atividades fora da escola?

Educando: - Não. Às vezes brincar.

De fato, os educandos não gostam de fazer atividades semelhantes às que costumam fazer em sala de aula. Eles gostam de fazer coisas diferentes, pois já estão de saco cheio de tanta atividade repetitiva e cansativa na escola. Dessa forma, qualquer atividade que faça-os sair da rotina é estimulante para a sua aprendizagem.

No espaço em que vivem não existem grandes oportunidades de se aprender coisas novas e que estimulem a busca pelo crescimento pessoal e profissional. No bairro da escola existem inúmeros bares e pessoas acomodadas com a vida que levam naquele lugar. Sem muita perspectiva, as crianças acabam tendo como espelho essa vida que o local apresenta, sem grandes possibilidades.

Por outro lado, existem possibilidades que a escola e/ou outras instituições oferecem e que ampliam o conhecimento e visão de mundo. Novas experiências e novos olhares são capazes de despertar nos educandos, além da curiosidade e a vontade de aprender o novo e aperfeiçoar o já existente na sua própria cultura e ambiente em que vive e compartilha suas vivências.

Como relata (ALVES, 2017, p.3),

O simples fato de ocupar a mente das crianças é um começo de uma transformação positiva em suas vidas. Com as atividades é possível preencher o tempo livre das crianças de forma que não deixem de serem “crianças”, que a infância seja preservada, através de brincadeiras educativas e atividades diversas que desenvolvam suas habilidades, estimulem a intelectualidade, incentivem a prática da leitura, esportes etc.

Atividades como essas desenvolvidas em espaços com pouca opção de lazer e aprendizagem servem para motivar e estimular o saber. Com o momento de aprendizagem dividindo um momento de lazer possibilita a criança uma oportunidade única de enriquecimento intelectual e cultural envolvendo atividades facilitadoras do conhecimento através de instantes diferentes do cotidiano dessas crianças.

É importante ressaltar a importância do próprio momento compartilhado pelas crianças e a oportunidade que têm de estarem juntas no mesmo espaço e aproveitarem de verdade esse acontecimento, pois nem sempre é possível que possam ficar na rua por muito tempo. Sabemos que muitos lugares carentes também são carentes de segurança e atenção pública, ou seja, o poder público nem sempre consegue chegar às essas regiões menos privilegiadas.

Sobre esse aspecto, com pouca atenção das autoridades, conseqüentemente esses lugares são desvalorizados e julgados. Sem muitas oportunidades, as crianças se limitam também com seus sonhos e objetivos, acabam não acreditando nas suas capacidades e suas habilidades, mesmo sendo bons em algo que possa ser um diferencial na vida.

Diante de perguntas como “O que você quer ser quando crescer”, por exemplo, as crianças respondem que querem ser ou executar funções iguais ou semelhantes ao de seus pais. Mas não entendem que muitos desses trabalhos são resultados de pouca escolha ou nenhuma alternativa, os pais tiveram de abraçar o que o seu conhecimento, sua escolaridade e o local lhes disponibilizaram como meio de vida. Assim, sem muita perspectiva de melhoras e um futuro brilhante, o educando de classe popular ainda não aprendeu ou precisa ser estimulado a pensar mais alto, e não aceitar a situação em que se encontra atualmente como definitivo é uma das missões da escola pública.

Em momentos de conversa com um dos alunos do 4º ano que mais gosta de conversar sobre trabalho, foi possível saber sobre as suas ambições, seus desejos e objetivos com relação ao seu futuro trabalho ou profissão:

Professor: - O que será quando crescer?
Educando – Quero trabalhar como meu pai, com carros.
Professor: - Mas trabalhará sempre com ele, ou gostaria de ter a sua profissão?
Educando: - Não. Eu quero uma profissão!
Professor: - Qual?
Educando: - Engenheiro
Professor: - Muito bem! Mas para isso terá de estudar muito, sabe disso, certo?
Educando: - Sim. Eu estudarei!

Por ser uma escola localizada no campo, ou melhor, área rural periférica de uma cidade pequena, o educando vive preso ao pequeno mundo daquela região como se outros horizontes não fossem possíveis. Do mesmo modo, não consegue enxergar outras possibilidades e nem procura melhorar suas experiências com novas descobertas e novos saberes através do conhecimento adquirido na escola, por exemplo.

É necessário quebrar essa barreira que impede o educando pensar mais alto, saber que pode desenvolver outras atividades sem se limitar ao que já está acostumado fazer. Mesmo que trabalhos passados culturalmente e tradicionalmente de família para família, de pai para filho.

A cultura do campo, por sua vez é conservadora e muito presente na escola, já que podemos relatar sonhos que se limitam a condições socioeconômicas e culturais. Principalmente nas regiões mais pobres e pouco privilegiadas. Isso implica na anulação das potencialidades dos educandos que residem nesses locais.

A educação do campo exige posturas de risco, de engajamento pela construção do novo, rejeitando todas as formas de preconceito. Por isso não se pauta simplesmente pela transmissão e assimilação de conhecimentos sistematizados. Nega a imposição de cânones, redimensionando-os a partir dos saberes dos camponeses e dos saberes que estes demandam da escola para fortalecer lutas pela humanização do campo e da cidade. Tampouco a educação do campo fundamenta-se numa perspectiva espontânea, segundo a qual o ato de ensinar e aprender é a arte de tirar de dentro da pessoa aquilo que já está latente em todos os seres humanos, valorizada pelos defensores da educação essencialista, inspirada em Platão. Educação do campo é práxis dialética enraizada no movimento da contradição, conforme a perspectiva de Gramsci (1978), em que se exercita a autocrítica ao mesmo tempo em que se busca apurar, numa postura permanente de reflexão, o olhar para novas leituras, articuladoras de práticas de interpretação transformação coletiva do mundo (este referindo a saberes, tempos e territórios das lutas e produção das existências dos oprimidos) (ZACCUR, 2011, p. 246).

É notório o quão o campo pode ser conservador em suas culturas e costumes locais. Dessa forma, o educando desse ambiente preserva saberes e tradições deixados pelos seus familiares que também viveram no mesmo ali.

Consequentemente o educando acaba fazendo parte do círculo vicioso do local. Uma vez que terá de repetir os mesmos passos dos seus familiares. Sem grandes ambições de crescimento, isso acaba refletindo na aprendizagem do educando na escola, pois já tem predefinido o que fará no futuro, e acha que não necessitará de tanto estudo para desenvolver atividades que já sabe executar desde cedo.

Realmente é lógico pensar assim, no entanto, limitar-se ao básico é limitar-se ao universo e a amplitude de possibilidades que o conhecimento é capaz de nos oferecer. Com pouca esperança de melhorias, o educando naturalmente aceita o lugar que ocupa como permanente e pertencente a ele, acreditando que cargos mais altos não faz parte da sua realidade e capacidade.

O dia a dia do educando da classe popular também se limita ao que o próprio local pode oferecer. Sem muitas condições de sair daquele espaço, o educando não anseia por novos horizontes e acaba deixando de conhecer outras culturas, povos e saberes diferentes dos quais já está acostumado.

Para saber mais sobre o que o educando faz fora da escola, foram feitas algumas perguntas em que puderam responder coletivamente e falar sobre o que costuma fazer fora da escola, envolvendo diversão, esporte, lazer, conhecimento e entretenimento:

- Professor – O que faz para se divertir no seu bairro?
Educandos – Mexer no telefone (ver vídeos no You Tube), andar de bicicleta, jogar bola no campo do bairro e jogar vídeo game.
Professor – Onde as pessoas se reúnem?
Educandos – Na pracinha e na igreja.
Professor – O que você aprendeu com seus pais?
Educandos – Tomar cuidado para não ser atropelado.
Professor – Costuma sair do seu bairro ou município?
Educando – Às vezes.
Professor – Conhece outras cidades e estados brasileiros?
Educando – Poucas cidades e quase nenhum outro estado.

Diante do diálogo entre professor/aluno, foi possível perceber o quanto o educando dessa região está limitado à cultura local. Se não houver estímulos por novas conquistas, novas descobertas, esse educando fará parte desse ciclo vicioso local, onde cada um herda exatamente o trabalho que os pais já exercem nessa região. Dessa forma, podemos notar a falta de interesse e esforços para se alcançar novos objetivos, pois muitos já têm predefinido o que farão na vida adulta, limitando-se ao local em que residem.

Sem muita perspectiva, o educando não se sente capaz de mudar a sua situação socioeconômica através dos estudos, pois acredita no seu fracasso por não conseguir um bom desempenho na escola. Além disso, muitas vezes se vê sozinho, sem o apoio que necessita para seguir em frente. Dessa forma, muitas crianças e adolescentes se perdem no caminho, saem da escola antes da hora, e quando decidem retornar, já não podem contar com as facilidades de antes, tudo fica mais difícil e exige mais esforços para obter resultados favoráveis.

1.2 VIVÊNCIAS DO ALUNO

O aluno antes da escola teve vivências fundamentais no processo de aprendizagem no ambiente escolar. Em outras palavras, o educando chega à escola com uma bagagem de aprendizados que se relacionam com os saberes ensinados na sala de aula.

A criança naturalmente passa por um processo de educação em casa. E baseando-se na postura que cada família tem, essa educação se desenvolve com princípios distintos uns dos outros. É nessa diferença que se constituem a diversidade de aprendizados e posturas que chegam à escola.

Vale lembrar das limitações que as situações que cada família tem e as possibilitem de ter uma certa postura e naturalmente baseadas no modo como as suas condições te obriguem a ser e de agir, muitas vezes de maneira “inadequada” na escola, o espaço de aprendizagem. Em outras palavras, a educação conseqüentemente fruto da própria situação e modo de viver do educando compromete o padrão de educação e saberes exigidos na escola e cobrados pela sociedade.

O problema do saber não implica num estabelecimento de certos processos que garantam sua apropriação, mas também uma diferenciação entre os tipos de saberes que concorrem ao ato educativo e a maneira de relacioná-los na atividade pedagógica, saberes fundamentados em diferentes processos de conhecimento e de relação com ele (MEJIA JIMÉNEZ, 1989, p. 70).

O educando traz consigo vivências que não são, na sua maioria valorizados pela escola. Em tantos momentos a aula é interrompida porque o aluno quer contar um fato que aconteceu na sua rua, em casa ou no seu bairro. Mas nem sempre ou quase nunca é possível que essa experiência seja compartilhada com os seus colegas e professores, porque o conteúdo da escola é mais importante naquele momento de ensino e aprendizagem. Mas em que outro momento esse aluno poderá ter a sua vez de falar? É claro que nem sempre é possível ouvir a todos, no entanto, muitos desses alunos necessitam ser ouvidos porque já são excluídos, deixados para depois/de lado pela sociedade e até mesmo pela própria família. Ouvir o que o educando tem para falar não é perda de tempo e muito menos bobagem, mesmo parecendo ser algo dispensável para o seu aprendizado, seja pela forma como é contado e/ou como o assunto é abordado. O simples fato de ouvi-lo é de grande importância no processo de ensino e aprendizagem e a valorização desse ser pensante chamado educando. Ou seja, dar ouvido ao que a criança tem a dizer também é uma forma de saber mais sobre o nosso educando, uma forma de diagnosticá-lo e saber o que se passa na sua vida. Do mesmo modo, é possível identificar problemas que a criança possa estar passando naquele momento, o porquê do seu baixo desempenho na escola e pouco interesse para desenvolver atividades, por exemplo. Tudo isso através do ouvir e também através do diálogo entre professor/aluno, que resulta na aproximação de ambos.

A aproximação do educando e professor se dá ao dialogarem, fazer perguntas, responder perguntas, discutir assuntos, compartilhar experiências e tirar dúvidas de ambas as partes, como no diálogo abaixo:

Educando – Professor, por que o Sr. vem de tão longe para nos ensinar?

Professor – Porque não importa a distância, o que importa é o ato de ensinar.

Educando – Você gosta de ensinar?

Professor – Sim. Eu amo estar no ambiente escolar, ter o contato com as crianças e adolescentes, além de gostar de fazer parte do processo de aprendizagem dos educandos.

Professor – E vocês, gostam de estudar?

Educando – Não muito.

Professor – Por que não “muito”?

Educando – Porque é chato ter que acordar cedo para vir à escola.

Professor – Se esforcem ao máximo para inúmeras conquistas através dos estudos!

O diálogo acima demonstra como é possível uma conversa com o educando. Como é possível uma aproximação sem prejudicar a qualidade do ensino ou perder o respeito pelo educando ao dar esse espaço para falar de assuntos mais do professor. É possível que haja uma relação de respeito e de confiança quando isso acontece. Ao contrário do que muitos professores acham sobre essa aproximação.

Deixar claro para o educando o porquê que o professor insiste em ensiná-los e explicar o quanto é difícil garantir uma boa colocação no mundo é uma forma de fazê-los refletir sobre o motivo pelo qual estão indo à escola todos os dias. Afinal, eles não estão ali à toa, não acordam cedo para nada. Por algum motivo eles estão ali e precisam fazer valer a pena esse motivo.

De fato, ao tentar fazer parte do mundo do educando é mais fácil do que tentar ignorar a forma como eles pensam e agem. Ao buscar entendê-los através do diálogo e fazê-los entender como funcionam as coisas são mais inelegíveis que tentar forçar a barra e deixá-los mais irritados. Além disso, perdem o interesse pelos estudos pelo simples fato de não gostarem do professor.

A partir do espaço para o diálogo que o professor oferece, é possível uma troca de informações, de dúvidas, de alegrias, angustias etc. É nesse momento de troca que professor/aluno sensibilizam-se simultaneamente e criam uma boa relação interpessoal

dentro da sala de aula. Dessa forma, o diálogo quebra a hierarquia que separa o professor do educando e aproximam-se para uma boa relação não só no pessoal, mas também nos estudos e no desempenho escolar.

Para (FREIRE, 1987, p. 45),

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

É importante ressaltar o que o diálogo é capaz de fazer. É através daquelas conversas informais entre professor/aluno que podemos nos aproximar e ter a chance de garantir a transformação que o aluno necessita. Ao deixar que falem o que pensam sobre determinados assuntos, estamos abrindo possibilidades e meios que o levará a dizer seus pontos fracos, seus medos e até mesmo os motivos de tanta dificuldade de assimilação nas aulas. E com certeza precisará de ajuda do professor.

Os adultos gostam de falar, de serem ouvidos e de dar a sua opinião em muitos assuntos, além disso, o acúmulo de tarefas do dia a dia e dos problemas pessoais do século atual sobrecarregam o emocional de muita gente, e esse acúmulo precisa ser descarregado de alguma forma, seja através de conversa ou o próprio desabafo. Assim são as crianças, elas precisam ser ouvidas, pois muitas dessas histórias contadas são na verdade um pedido de socorro, um verdadeiro desabafo de tudo que possa estar acontecendo na sua vida naquele momento, e o professor ou professora, na maioria das vezes é a única referência de apoio e confiança que a criança tem.

É fundamental buscar o educando para o diálogo. Esse é o primeiro ponto de partida para uma aproximação e ter um bom relacionamento interpessoal com o educando, além de conquistar a confiança e respeito. Muitas vezes a criança gosta dessa conversa com o seu professor, pois se sentem mais importantes, como mostra a conversa abaixo:

Professor: - Vem aqui, Carlinhos. Vamos conversar!

Educando: - Eu não fiz nada.

Professor: - Sim, eu sei que não fez!

Educando: - Então, por que quer conversar comigo?

Professor: - Porque eu sou o seu professor, e gostaria de saber mais sobre o meu aluno. Pode ser?

Educando: - Risos...

Professor: - Podemos?

Educando: - Sim, Tio.

Professor: - Ótimo! Conte-me como passou o fim de semana.

Educando: - Vamos lá!

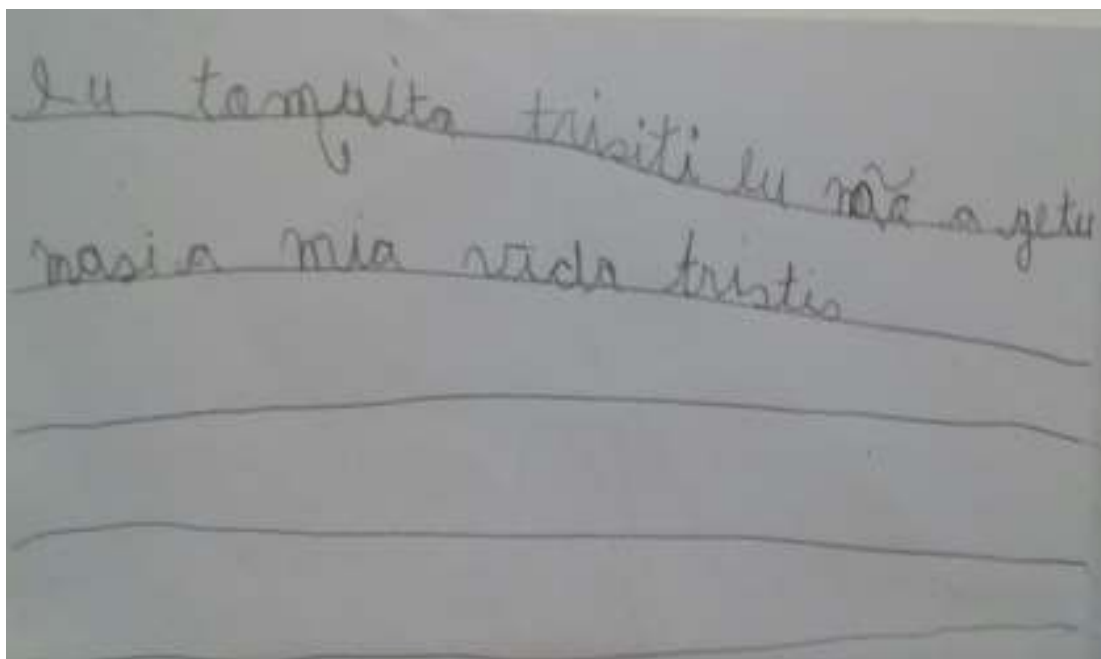
O professor consegue se aproximar do educando quando abre um espaço para o diálogo sobre as vivências, suas curiosidades e até mesmo os problemas. O educando ao confiar no professor, automaticamente se sente bem em compartilhar acontecimentos de sua vida que possivelmente explique o seu comportamento na sala de aula. E, também o seu desempenho escolar. São desvendados mistérios que nem mesmo os pais ou responsáveis conseguem, pois muitas vezes não ouvem as necessidades mais profundas de seus filhos. Ou seja, os sentimentos diante dos acontecimentos a sua volta, muitas vezes incompreensíveis ou inexplicáveis.

É possível que assuntos que nem os responsáveis sabem, os educandos confiam aos seus professores. No entanto, antes disso precisa ser construído uma excelente relação entre professor/aluno. Depois disto, a criança passa a não só confiar no professor, mas também gostar e se interessar pelas aulas.

É pensando em uma boa relação entre o educando e educador que o diálogo cria força e fortalece essa relação. Uma relação necessária, pois muitas ações de nossos educandos na sala de aula nos dizem muito mais que possamos imaginar. Existem inúmeras formas das crianças pedirem ajuda ou simplesmente demonstrarem os seus verdadeiros sentimentos, embora demonstrem muita felicidade diante de suas atitudes e até mesmo mau comportamento durante as aulas. Assim, nem sempre o que parece ser real é de fato a realidade daquele educando. Seus inúmeros fracassos ao tentar desenvolver as atividades propostas podem ser consequências de outras ações vividas em outro espaço.

Similarmente, mensagens podem ser deixadas pelo educando em trabalhos feitos em sala de aula. Podemos observar na figura abaixo o que um aluno escreveu no seu trabalho, quando foi orientado que escrevesse uma história em que a própria criança pudesse ser protagonista da sua narrativa.

Figura 1 - Escrita de um aluno mostrando insatisfação pela vida.



Fonte: Acerto do pesquisador (2018)

Nesse caso, o educando quis demonstrar insatisfação pela sua vida. A criança não teve coragem de falar diretamente para o seu professor, mas se expressou através da escrita, mesmo com muitos erros de português, foi possível saber o que ele quis dizer. Muitas vezes o educando não conversa diretamente com o seu professor, mas pode demonstrar interesse por um diálogo diante de pequenos escritos ou atitudes durante as aulas. Ou seja, a criança inicia uma narrativa sobre o que fez em casa, aonde foi, com quem foi o que fez ou fizeram de legal, ou ainda, algo que não gostou e mostrar insatisfação. Da mesma forma, busca, muitas vezes o apoio e a orientação do professor ou da professora para tentar resolver ou pelo menos entender um pouco do que está acontecendo. Dessa forma, nós, professores e educadores precisamos estar sempre atentos ao que os nossos educandos necessitam falar, pois algo muito importante pode ser falado com urgência, e nada melhor que o diálogo entre o professor/aluno para descobrir o que há de errado com a criança, pois pode se tornar algo mais sério.

O mesmo educando em outro momento chegou para o seu professor e fez algumas perguntas para saber o ponto de vista do professor com relação aos assuntos conversados pelos dois no diálogo abaixo:

Educando: - Professor, se eu for "Gay", o Sr. ainda vai gostar de mim?

Professor: - Claro que gostarei.

Educando: - É porque todo mundo fica me zoando.

Professor: - Isso não quer dizer que ninguém irá deixar de gostar de você.

Educando: - Tá bom, professor.

Como podemos observar, alguns assuntos chegam à escola inevitavelmente. A questão da sexualidade reprovada por muitos ao ser conversado em sala de aula está muito presente na escola. Mesmo sendo um assunto muito polêmico, não deixa de ser importante e dado a merecida atenção, pois os nossos educandos trazem dúvidas que não são esclarecidas em casa, simplesmente são ignoradas pelos pais ou responsáveis. O preconceito ou o medo de se expor, por exemplo, fazem com que os educandos não conversem sobre assuntos como esse. Dessa forma, a escola é ou se torna o porto seguro desses alunos com esse tipo questão.

Mesmo sendo um assunto que não compete a escola discutir, é inevitável que isso aconteça, pois sempre teremos casos como esse nas escolas. De certa forma, situações como esta apresentada são frequentes e podem prejudicar o desempenho do educando, uma vez que o educando não consegue se concentrar nas atividades porque está preocupado demais com o ocorrido, ou o fato dos colegas debocharem da sua cara.

Com tanto problema na cabeça, o educando pode procurar ajuda, mas muitas vezes não saberá como fazer isso. Da mesma maneira procurará apoio e ou tentará compartilhar com alguém o que sente.

É importante ressaltar sobre a importância da escuta. Às vezes o educando apenas quer ser ouvido, falar sobre suas angústias diante das ações das outras pessoas ou simplesmente busca orientação para se achar em meio a tantas dúvidas.

De acordo com (FREIRE, 2002, p. 45),

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura a fala do outro, ao gosto do outro, às diferenças do outro.

Ouvir o que o educando tem para falar pode ter um significado além do que possamos imaginar. Muitas das vezes essa criança precisa desabafar ou é carente de atenção da família, pois inúmeras vezes são deixadas com outros parentes ou amigos próximos, o que não substituem o amor e a atenção que necessitam do pai e da mãe.

Nem sempre o professor está disposto a ouvir o educando, pois não pode parar a aula para ouvir “histórias de aluno”. Dessa forma, o educando nunca terá vez, porque sempre foi silenciado para dar continuidade às atividades em classe. Algumas interrupções durante as aulas são necessárias, pois o educando sente a necessidade de se expressar diante de determinados assuntos. Do mesmo modo, a criança gosta de ser ouvida e participar de conversas que saia do sistema rígido da escola.

Às vezes deixamos de ouvir e entender o nosso educando só porque saber mais sobre a vida do aluno pode lhe custar caro, mais trabalho e responsabilidade, porque muitas famílias carregam grandes problemas sociais. E nem sempre o educador irá querer se meter e carregar esse fardo. Em alguns casos, a escola e/ou o professor é a única esperança que essa criança tem na vida, porque em muitos casos já não pode contar com mais ninguém.

1.3 ADAPTAR-SE À REALIDADE SOCIAL DO EDUCANDO

Nem sempre, nós professores, educadores, orientadores e qualquer pessoa envolvida com a educação, estamos preparados ou não sabemos lidar com situações vividas com alunos de classe popular. A forma como encaramos alguns acontecimentos nos reprovam e afirmam que não estamos agindo da melhor forma. Em outras palavras, há momentos que estranhemos pelo simples fato de não fazer parte do nosso convívio, ou pelo fato de exigir de nós muita paciência e dedicação.

Cabe considerar as circunstâncias que o educando de classe popular passa no seu dia a dia, da forma como precisa encarar e aceitar a sua situação, seus problemas, suas dificuldades, preconceito e até mesmo a fome. São fatores que podem interferir na aprendizagem e no comportamento do educando.

Contrariamente à forma como outros educandos aprendem, algumas vezes é necessário pegar leve com aquele aluno “problema”, aquele que demonstra desinteresse pelos estudos e/ou que não sabe direcionar as palavras aos seus semelhantes. Mas afinal, o que se espera de uma criança ou adolescente que vive em situações desumanas, ou diferente de outras crianças que já nasceram no berço de ouro e nunca faltou nada na vida?

Quando falamos em adaptar-se à realidade social do educando, logo podemos imaginar nas contribuições de Paulo Freire (1967), com as palavras geradoras, “a

representação gráfica da expressão do objeto, inicia-se o debate em torno de suas implicações.” Na escola, aconteceu uma situação parecida durante a aula, quando foi falado de objetos ou de algo do cotidiano ou da realidade dos educandos:

Professor: - De todos os esportes, qual vocês mais costumam praticar no seu bairro?

Educando: - Jogar bola!

Professor: - Mais algum?

Educando: Não.

Professor: Por quê? Não gostam de outro esporte?

Educando: Até gostamos, mas aqui onde moramos não tem.

A criança de classe popular se limita ao fazer parte de um ambiente de poucas oportunidades e de restritas escolhas. Dessa forma, ela utiliza-se dos instrumentos e das ferramentas que lhes pertence, ou seja, o que esteja ao seu alcance, nada além do que possa. Do mesmo modo, essa limitação chega à escola no conhecimento de mundo que cada educando adquiriu. E é claro que a criança pobre e que reside em áreas de vulnerabilidade social não consegue ter um conhecimento como uma criança de classe mais alta, que já está acostumada com inúmeras oportunidades de conhecimento.

De fato, o educando de classe popular está em desvantagem se comparado com o educando de classe alta. Em outras palavras, as vastas oportunidades que a criança rica tem de conhecer lugares, ampliar o seu repertório de fala e cultural se distingue do limitado conhecimento de mundo de uma criança pobre, que mal tem o que comer e vestir.

É importante pensar que a cultura produzida pelas classes populares é tão rica quanto a da classe dominante (os mais ricos e privilegiados), senão a mais ampla, rica e curiosa, por se tratar de uma cultura mais diversificada desde o período da colonização do Brasil.

Como relata (GARCIA, 1997, p. 7),

A sociedade brasileira continua a produzir milhões de analfabetos, que contribuem para a manutenção de privilégios nas mãos daqueles que sempre detiveram o poder. Os excluídos de bens materiais e são também excluídos de bens culturais, ainda que produzam tanto bens materiais quanto bens culturais.

A história se repete por inúmeras gerações. A ideia de que o rico ficará cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre se concretiza no analfabetismo que o Brasil ainda continua a gerar. Os filhos dos que não tiveram oportunidades continuam não tendo oportunidades, além de não continuarem estudando, poucos chegam ao nível superior, pois estarão ocupados demais trabalhando e/ou cuidando de uma família precoce, sem planejamento e condições de garantir o básico. Dessa forma, tudo se repete, só mudam-se os nomes, mas a classe oprimida é a mesma desde os primórdios da humanidade.

É fácil ser professor de crianças que herdaram de seus pais tanto as riquezas (bens materiais) quanto as oportunidades que facilitam o seu percurso de vida e garante o seu lugar e pertencimento na sociedade. O desafio está em ser professor de crianças que herdaram apenas a pobreza que seus pais já carregam. São culturas distintas e que o fracasso do pobre é legitimado pelo próprio ao dizer que nunca terá tal profissão ou chegará a tal patamar porque é pobre e acaba aceitando esse destino, porque muitas vezes não encontra uma ajuda, um incentivo, tanto na escola quanto na sua própria casa. Durante as aulas é possível conversar sobre isso:

Professor: - O que vocês gostariam de fazer profissionalmente?

Educando: - Não sei.

Professor: - Não pensou em nenhuma profissão?

Educando: - Sim. Engenheiro, policial etc.

Professor: - E já está se preparando para isso?

Educando: - Acho que sim...

Professor: - O seu responsável te incentiva para isso?

Educando: - Não. Mas fala para eu ir à escola para ser alguém na vida.

Embora o educando não saiba e não esteja preparado para escolher uma futura profissão, ele acredita na escola. No entanto, não é o suficiente para se obter sucesso, pois essa criança enfrenta outros obstáculos que a impede de ter uma aprendizagem saudável e proveitosa, sem problemas de assimilação e na escrita. Dessa forma, a escola passa a ser a sua principal ajuda e que fará essa história mudar para melhor, já que muitas vezes em casa essa ajuda não é possível.

Dessa forma, nós professores não podemos contar exclusivamente com o apoio do responsável, pois sabemos que nem sempre é possível contar com essa ajuda. Não por mal ou por omissão de responsabilidade sobre a criança, embora haja inúmeros

casos de irresponsabilidade por parte dos pais. Ou seja, o apoio nem sempre chega à escola vinda das famílias, pois às vezes falta instrução dos responsáveis, ou até mesmo pela ausência dos pais, por se dedicarem mais ao trabalho ou outros afazeres, menos aos seus filhos e ao acompanhamento escolar.

A cultura que essas famílias carregam influenciam no modo de pensar e agir diante de questões importantes e decisivas em suas vidas. A influência que a cultura de cada aluno pode provocar mudança na forma como o professor ver o aluno e/ou o aluno ver o professor. Ou seja, muitas vezes a cobrança do professor sobre o aluno diante das atividades estudadas é visto como algo negativo pelo educando, não consegue assimilar que seja algo ao seu favor.

Vale ressaltar que o professor, muitas vezes afirma essa herança de pobreza do educando como algo definitivo e impossível de mudança, devido ao seu baixo rendimento escolar e indisciplina na escola. Essa criança não precisa ouvir tantas vezes que é fracassada na escola, pois já tivera ouvido muitas vezes isso em casa. Muitas vezes a escola vem como a única esperança da criança, e se essa saída a rejeita como o restante, qualquer tentativa de querer mudar esse educando se torna em vão e ineficaz diante da sua realidade de abandono. Ou seja, ao se sentir recusado por todos, o educando se manifesta revoltado com a situação em que se passa, além de não parecer querer ser ajudado por mais ninguém, pois já não acredita que é capaz de ter sucesso em nada, nem mesmo naquilo que gosta e sabe fazer bem.

Sobre esse aspecto, o educando que demonstra ter dificuldade de aprendizagem precisa de ajuda no que consequentemente está fazendo com o que tenha tal problema resultando no baixo rendimento na escola e ao desenvolver as atividades. Além disso, a criança não precisa ouvir o tempo todo que tem dificuldade, pois isso faz com que acredite que não tem capacidade de aprender como os demais. Do mesmo, quando uma criança se destaca por estar sempre em dia com as atividades, se destaca com boas notas e tem mais atenção do professor e recebe premiações. Isso acaba que afirmando o fracasso daquele que não consegue por algum motivo acompanhar o aprendizado.

Só aceita ser excluído daquilo que produz aquele que não se percebe com direitos. E, para que a maioria da população se aceite sem direitos, é preciso que a lógica da sociedade, na qual se inclui a escola, desenvolva esta crença. Os *mass media* o fazem com extrema competência, através da ideologia do mérito, das aptidões do sucesso. Nessa sociedade tão democrática, só não tem sucesso quem não quer. Assim, também, na escola. Nela só tem sucesso quem não se esforça, ou “não tem aptidão para o estudo”. A maioria não tem sucesso porque é preguiçoso, porque é deficiente, porque é desnutrida, porque

tem problemas neurológicos ou psicológicos, porque tem déficit linguístico ou cultural, porque, porque... Tantos porquês que escondem o verdadeiro porquê, que, este sim, se revelado, poderia contribuir para a mudança de um quadro, que embora tanto “envergonha”. É tão útil. Afinal, a produção da ignorância é indispensável para que tantos privilégios sejam mantidos sem maiores reações. É necessário até que os descamisados votem em quem lhes tira as camisas (GARCIA, 1997, p. 8-9).

São muitos julgamentos que o educando pobre que não consegue um bom rendimento escolar tem, sem levar em consideração tudo o que pode estar acontecendo com essa criança. Para muitos é mais fácil dizer que “não tem jeito”, “não vale a pena” ou que é perda de tempo tentar reverter essa situação, pois acreditam e arriscam dizer que esse aluno não deveria estar na escola e sim trabalhando, porque não nasceu para estudar.

Diante dos diferentes problemas que uma criança de classe popular pode vir a passar, é necessário que nos adaptemos aos seus limites e não julguemos a forma como pode demonstrar o seu conhecimento sobre as coisas. Dessa forma, precisamos considerar o mínimo que a criança conseguir fazer, mesmo que os critérios de avaliação não sejam obedecidos pelo educando. Nesse caso, o que vale é a capacidade de raciocínio e a capacidade de relacionar o seu contexto social com o contexto escolar.

Um dos alunos do 4º ano da E. M. M. considerado com baixo rendimento escolar, com dificuldade de aprendizagem e indisciplinado na sala de aula, ao realizar uma avaliação de português, não atingiu a expectativa da atividade fugindo da proposta do conteúdo estudado. No entanto, não fugiu do contexto que lhe pertence. Além disso, utilizou o seu conhecimento de mundo para responder a avaliação. O educando, ao ser questionado sobre como estava desenvolvendo a avaliação agiu normalmente como se estivesse na mesma linha de pensamento do professor.

Professor: - Você tem certeza de que está fazendo a avaliação corretamente?

Educando: - Sim!

Professor: - Mas você leu o que está escrito na sua avaliação?

Educando: - Não.

Professor: - Então, como pode ter certeza que está certo?

Educando: - Risos.

São questões desse tipo que o professor se depara frequentemente, e nem sempre está preparado para lidar com esse tipo de situação, já que o critério de “certo”

ou “errado” é imposto a todos pelo sistema. Da mesma forma, os professores aprenderam seguindo uma maneira de aprender totalmente diferente da realidade de seus alunos na atualidade. Ou seja, as crianças de hoje não são as mesmas do século passado, muita coisa mudou em tão pouco tempo. Na verdade, vários conceitos mudaram com o passar do tempo, a forma de ensinar e aprender também, pois existem meios que predominam hoje que antes não faziam parte da convivência das crianças e adolescentes, como o uso do celular, por exemplo. Similarmente todas ou quase todas as formas de passar o tempo livre se modificaram. A forma como as informações chegam também necessitam de conhecimento e atenção para serem assimiladas. No entanto, a correria do dia a dia e da vida estressante das pessoas não possibilitam parar coisas simples e essenciais como um pai ou mãe estudar com o seu filho. Principalmente as famílias mais carentes que além de passar por problemas econômicos, enfrentam outros tipos de problemas sociais, situações que fazem com que a família não tenha uma boa estrutura.

O presente está cheio de novidades e atrativos, no entanto, são ferramentas de distração e que podem muitas vezes atrapalhar em vez de ajudar. É nesse sentido que a escola precisa ser mais atrativa e manter o educando concentrado e interessado no que é estudado na sala de aula, pois às vezes outros assuntos são mais chamativos que uma aula expositiva em que o educando passa ou deveria passar o tempo todo sentado ouvindo o professor falar.

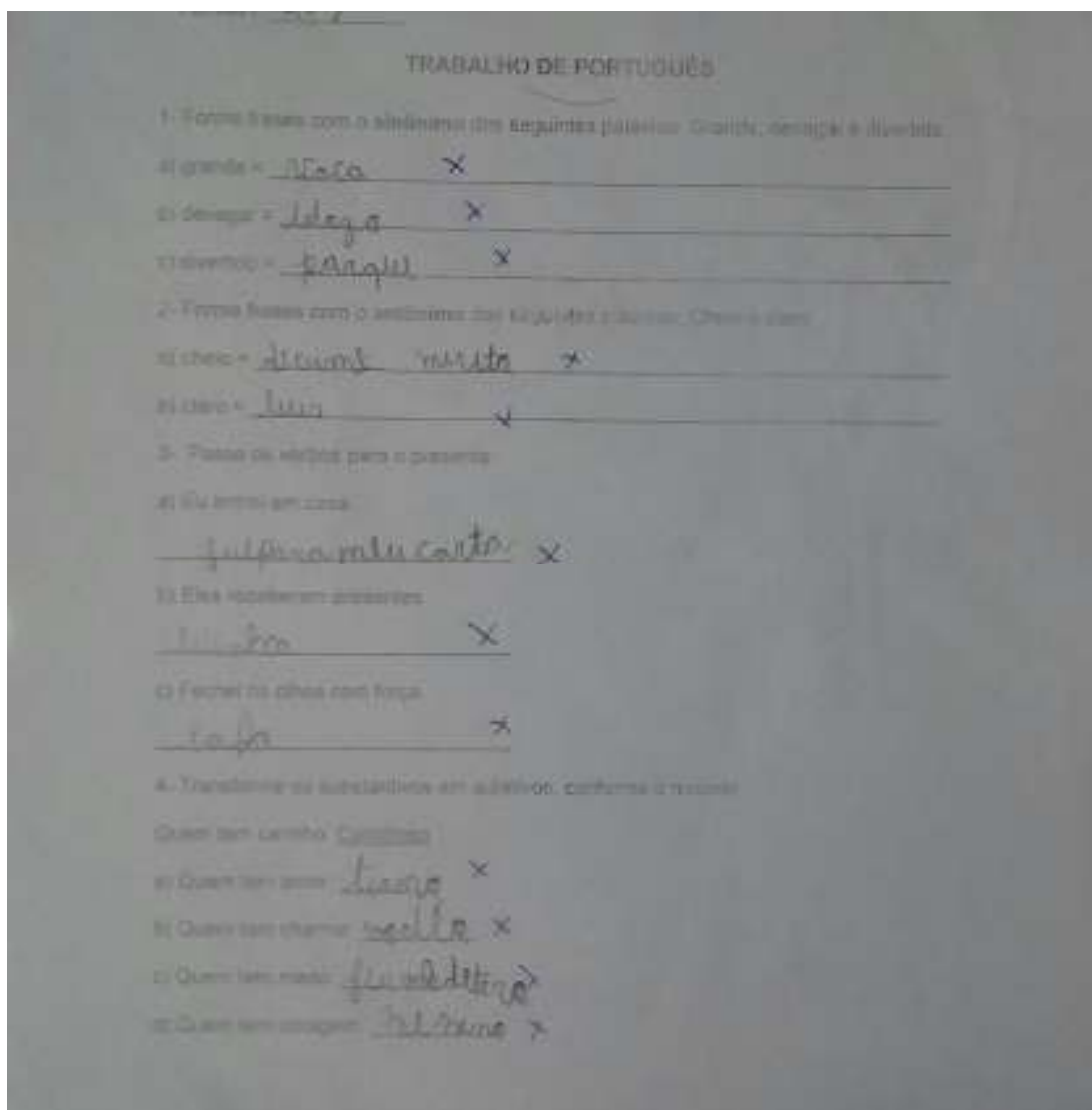
É fundamental pensar em meios mais eficazes de ensino. As aulas devem estar relacionadas com a realidade dos educandos ali presentes e atender às suas necessidades, ou seja, não adianta trazer assuntos que não fazem parte do seu contexto social, a menos que possam ser transmitidos de forma lúdica e que todos possam participar ativamente da aula. Isso porque o educando que temos hoje é um ser impaciente, diferente do aluno do passado, paciente e um depósito de informações.

Hoje, até mesmo os nossos educandos de classe popular são mais falantes e querem sempre falar sobre a aula e sobre tudo que acontece a sua volta. Principalmente sobre sua vida, seus gostos, suas alegrias, suas tristezas e, além disso trazem suas dúvidas e questionamentos, não concordam com tudo o que ouvem e não se contentam com respostas pouco convincentes.

Dessa forma, as metodologias utilizadas em ambos, passado e presente não são as mesmas, ou não deveriam ser, pois temos dois tipos de educandos completamente diferentes. As mudanças são perceptíveis na sala de aula, no convívio familiar, na rua,

os costumes, a maneira como reagem diante de determinadas situações e até mesmo o “certo” considerado “certo” no passado pode ser considerado “errado”, ou vice-versa.

Figura 2 – Avaliação de português de um aluno do 4º ano.



Fonte: Acervo do pesquisador (2018)

Diante desta avaliação com o educando, é notável que ele não respondeu às perguntas de acordo com o que o professor propôs, no entanto, a criança usou o seu próprio conhecimento de mundo adquirido ao longo dos anos já vividos e de acordo com a sua realidade social e o meio em que está inserido para responder. Ele consegue assimilar e associar as palavras com o seu conhecimento, embora que de outra forma. E isso mostra que a criança não é totalmente o que muitos podem pensar a respeito das capacidades de aprendizagem de um educando de classe popular.

Na primeira questão, o enunciado pede para que a criança forme frases com o sinônimo das palavras. No caso da palavra “grande”, o educando associou a um animal que provavelmente é visto com muita facilidade nas proximidades de sua casa e da escola. A “vaca”, embora não atenda aos critérios do conteúdo estudado, a resposta está correta, pois a vaca é um animal “grande” que faz parte do contexto dessa criança.

Na palavra “devagar”, o educando respondeu “idosa”, sim, uma idosa anda devagar, e o educando não está errado, mesmo não atendendo aos critérios avaliativo da atividade realizada. De acordo com o seu conhecimento, quem anda devagar são as pessoas mais velhas (idosa).

Na palavra divertido, o educando associou ao parque. Acredita-se que mesmo não fazendo parte de sua realidade, o parque pode ser um de seus desejos, o simples fato de conhecer um parque com certeza lhe traria muita alegria, pois é algo diferente e incomum para o que costuma fazer no seu bairro quando não está na escola.

Outro aspecto importante que merece ser levado em consideração é o caso da segunda questão. O enunciado pede para que a criança forme frases com antônimo das palavras “cheio” e “claro”. Mais uma vez o educando assimila a partir da sua vivência e situação socioeconômica.

A palavra “cheio”, a criança fez uma alusão a comida, muita comida. Bem provável que o educando pensou num prato de comida bem cheio. Dessa forma, essa palavra fez com que a criança pensasse na importância da comida em abundância.

Diante da palavra “claro”, o educando pensou na luz que evidentemente deixa o ambiente claro. Dessa forma, mais uma vez o educando interpretou de outra forma o que foi solicitado pelo professor.

Nesse caso, o mais importante não é o que foi solicitado de acordo com o conteúdo estudado. As respostas que o educando coloca na avaliação pode significar muito mais do que podemos imaginar, e podem nos dizer muito sobre a criança e sua vida. Muitas das respostas são acontecimentos e/ou problemas que a criança pode estar passando.

Na questão três, quando o enunciado pede para que o educando passe os verbos para o presente da seguinte frase: “Eu entrei em casa”, a criança escreveu que “Eu fui para o meu quarto”, ou seja, ao chegar em casa, esse educando vai direto para o quarto. Pode ser que ele não saia, fique trancado o dia todo.

Na frase “Eles receberam presentes”, o educando escreve “nunca”. A sua resposta deixa claro que quase não recebe presente ou quase nunca. É possível que a criança tenha pensado na sua situação.

As respostas podem revelar coisas piores. Na frase “Fechei os olhos com força”, o educando escreve “tapa”. Fechar os olhos com força é a reação que qualquer pessoa teria diante de um “tapa”. Dessa forma, é provável que essa criança apanhe em casa ou na rua.

Certo dia, uma das educandas do 4º ano perguntou o porquê do colega L fechar os olhos quando alguém se aproxima e zoa ele, e também por que está sempre em posicionamento de defesa ao se aproximarmos:

Educanda: - Tio, por que o L fecha os olhos quando alguém se aproxima dele?

Professor: - Você nunca parou para pensar sobre o porquê?

Educanda: - Não.

Professor: - Ele pode sofrer algum tipo de agressão em casa ou na rua, por exemplo.

Educanda: - ...

A aluna não respondeu mais nada diante da resposta do professor. Certamente ela se sensibilizou com a situação do colega, fazendo com que pensasse mais vezes antes de mexer com o L na sala de aula, levando em consideração tudo o que ele pode estar passando em casa.

Muitos dos educandos menos favorecidos passam por alguma agressão verbal e até mesmo física fora da escola, que podem resultar em problemas na sala de aula, pois não conseguem se concentrar. Às vezes isso passa despercebido por muitos professores, educadores e orientadores, pelo silêncio da criança ou pelo simples fato da situação ser ignorada.

É fundamental pensar que as classes populares são recheadas de surpresas. São vários problemas que essas famílias carregam e que influenciam no cotidiano escolar dos filhos. Dessa forma, nem sempre podemos julgar algumas atitudes indisciplinadas de educandos, pois não sabemos o que se passa na cabeça dessa criança, não sabemos o que pode estar passando em casa. Assim, é possível que façamos uma investigação sobre aquela criança para poder ajudá-la e um futuro ensino sem tantas preocupações dos problemas familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou como o contexto social do educando das classes populares pode refletir no processo de ensino e aprendizagem. Do mesmo modo, algumas reflexões foram postas acerca do local onde reside esses alunos, a valorização da cultura trazida por esses sujeitos, bem como suas vivências e realidade social que precisam ser considerados no ambiente escolar.

Observou-se que é possível conhecer a realidade do educando e o seu contexto para entendê-lo melhor. Deste modo, este estudo possibilitou discutir o cotidiano dessas pessoas as questões da vida do educando acabam aparecendo na sala de aula, para uma problematização crítica da situação do contexto social desses sujeitos das classes populares.

É importante ressaltar que a compreensão do meio é fundamental para que haja uma integridade e uma legitimidade de uma educação igualitária para todos. Dessa forma, Paulo Freire, na sua perspectiva valoriza a educação amorosa, com uma contextualização da realidade do educando

Desde cedo aprendemos a adquirir conhecimento através da experiência vivida. Essa experiência é considerada para Freire a leitura de mundo que precede da leitura palavra. Essa leitura é imprescindível para a construção e compreensão crítica sobre a importância do ato de ler. Nesse sentido, ler não é simplesmente a interpretação clara da escrita, mas no sentido de compreender um todo, onde cada ser capta o que foi escrito de acordo com o seu nível de conhecimento e convivência cultural. Dessa forma, interagir com o meio é fundamental para que haja compreensão na leitura de mundo e assim possa produzir conhecimento.

Conclui-se que os educandos das classes populares apresentam saberes diferentes que precisam ser valorizados no contexto escolar. Da mesma forma, possuem uma cultura tão rica quanto às das camadas mais ricas da sociedade, só precisam ser compreendidas e aceitas.

Com a realização deste estudo, foi possível identificar muitas das dificuldades de aprendizagem dos educandos das classes populares que acabam refletindo na aprendizagem do educando. Observou-se que nem toda família é letrada e possuem diferentes questões que podem interferir no seu caminhar. Em meio as maravilhas do mundo, pessoas sofrem algum tipo de problema, que não nos damos conta por não sabermos ou por não quisermos saber o que acontece à nossa volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco. AÇÃO SOCIAL NO BAIRRO CARAMUJO-NITERÓI/RJ: Atividades de lazer e aprendizagem. **Revista Pedagogia Social UFF**, [S.l.], v. 4, n. 2, dez. 2017. ISSN 2527-0974. Disponível em:

<<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/90>>.

Acesso em: 29 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo; Cortez, Coleção polêmicas do nosso tempo; 4, 1987.

_____. **À sombra desta mangueira**. Edit. Olho D'água: São Paulo, 2002.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Regina Leite. **Alfabetização dos Alunos Das classes Populares**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MEJFA JIMÉNEZ, Marco Raúl. **Educação popular: pedagogia e dialética**. Ijuí: UNIJUÍ, 1989.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Experiências e narrativas em Educação**. Niterói: Eduff, 2017.

TAVARES, M. T. G.; ALVARENGA, M. S.; SILVA, C. A. da (Org.). **Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: os 50 anos do golpe militar de 1964 e a mobilização de inéditos viáveis no campo social e educativo**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

ZACCUR, Edwiges. (Org.). **Alfabetização e letramento: o que muda quando muda o nome?** Rio de Janeiro: Rovelte, 2011.